

Valor

EU &

FIM DE SEMANA



A segurança como política de Estado

Moro vai adotar agenda anticorrupção e anticrime organizado inspirado em grupo que deu origem às investigações da Lava-Jato

Antologia reúne haicais sob o 'jeitinho'

Volume traz poetas como Mario Quintana e Manoel de Barros. Por **Rodrigo Suzuki Cintra**, para o Valor

"Haicais Tropicais"

Vários. Organização: Rodolfo Witzig Guttilla. Boa Companhia, 168 págs., R\$ 39,90



Existiria um jeito brasileiro de escrever haicais?

O haikai, forma poética fixa das mais sintéticas, nasceu no Japão durante o período

Edo (início do século XVII até meados do século XIX). Em sua brevidade, geralmente é escrito em apenas três versos: o primeiro e o terceiro com cinco sílabas (redondilhas menores) e o intermediário com sete sílabas (redondilha maior).

Essa forma simplificada, mais popular que versos decassílabos ou alexandrinos, corresponde, inclusive, à lógica de seu conteúdo. Os haicais japoneses são feitos com palavras simples visando a contemplar a natureza. Uma maneira de descrever não o mundo subjetivo próprio do "haijin" (aquele que escreve haicais), mas o mundo exterior, na tentativa de capturar o instante, sem muitas conclusões ou explicações.

Porém, se no Japão essa modalidade de escrever poesia se coaduna perfeitamente com o modo de vida zen, a um estado de espírito natural para a criação do haikai, no Brasil, a lógica própria do haikai teve que ser subvertida para contentar um sabor poético mais palatável ao gosto dos trópicos.

A recente antologia de haicais intitulada "Haicais Tropicais" e organizada por Rodolfo Witzig Guttilla, não deixa outra interpretação a se fazer. Ao lado de poetas mais conhecidos, como Mario Quintana, Manoel de Barros, Alice Ruiz S, Régis Bonvicino e Paulo Franchetti, e de outros "haijins", como Ricardo Silvestrin, Teruko Oda e Camila Jabur, a organização tentou mostrar o interesse pela forma

japonesa na obra de autores famosos em outras searas, como Aluísio Azevedo (romancista, autor de "O Mulato" e "O Cortiço") e Sérgio Milliet (crítico literário de renome e também poeta).

A impressão que se tem, na leitura da antologia, é que o haikai não passa de uma forma de poema curto. O problema é que o haikai é e pode ser bem mais que isso.

Dois haicais chamam a atenção no livro. Um de Alice Ruiz S ("me devolva / primeira estrela que vejo / aquele desejo") e outro de Régis Bonvicino ("não há saídas / só ruas viadutos / avenidas"), mas de resto, a coletânea de poemas é fraca.

Rodolfo Guttilla já havia organizado uma coletânea dessa espécie, "Boa Companhia: Haikai", em 2009, pela Companhia das Letras. Um esforço que esse estudioso fez com maior sucesso, reunindo haicais mais representativos e de maior fôlego que "Haicais Tropicais".

Matsuo Bashô (1644-1694) foi o maior e mais importante "haijin" da história. A sua produção poética está ligada diretamente ao que entendemos por um haikai propriamente dito. Escolheu o nome artístico de Bashô ("bananeira", em japonês) simplesmente porque gostava de se deitar sob a sombra dessa árvore e pelo barulhinho bom de chuva em suas folhas.

Era um poeta da simplicidade. De alguma maneira, sem o intelectualismo ocidental, projetava o existir das coisas no vínculo entre a natureza e a elipse do ego. Escrevia como se o "eu" próprio do haikai fosse o "eu" do deixar as coisas serem elas mesmas, do deixar acontecer do instante.

O problema da aclimação do haikai no Brasil, ao que nos parece, é menos de forma, sendo mais de conteúdo. Mesmo a fórmula clássica como é escrito, de versos com 5-7-5 sílabas, já foi contestada. Haroldo de Campos não considerava essencial a adoção desse esquema métrico

porque a contagem silábica em japonês não obedece ao mesmo princípio da tônica final, como ocorre em português.

O haikai brasileiro é bem menos contemplativo, de registro imediato de cenas, de um lirismo da palavra simples que descreve a natureza.

Nossa subversão da forma japonesa começa por ser mais uma malandragem de nosso temperamento avesso à contemplação, avizinjado ao humor, a ironia menos por surpresa e mais por golpes de desfaçatez. Paulo Leminski, o autor de haicais mais famoso do Brasil, poeta da geração marginal, entendia o lado zen das coisas, mas o fazia, como "samurai malandro": "pelos caminhos que ando / um dia vai ser / só não sei quando".

Se existir um modo brasileiro de escrever haicais sua questão está no âmago de nosso "jeitinho brasileiro". O "jeitinho brasileiro" não deve ser entendido, nesse caso específico da poesia, como um modo de levar

vantagem em tudo, ou mesmo de trapacear outras pessoas ou qualquer coisa que o valha. É preciso perceber na poética do jeitinho um modo jocoso de lidar com as palavras, uma malemolência da estruturação dos significados que correm por caminhos tortos. Não é à toa que um de nossos maiores praticantes de haicais tenha sido Millôr Fernandes, ou que sempre que se fala em poesia curta, remontamos aos poemas-minutos de Oswald de Andrade.

Não há nada de errado em termos aclimatado o haikai aos trópicos, ganhamos em significados produzidos com a medula e com a ginga, mas perdemos aquela ligação descompromissada com o mundo que é feita da beleza de capturar o instante, de sentir apenas aquilo que está acontecendo dentro do agora.

Rodrigo Suzuki Cintra, filósofo e escritor, doutor pela USP, é pós-doutor pela Universidade de Coimbra. ■



Rodolfo Witzig Guttilla é o organizador de "Haicais Tropicais", com autores do Brasil